

LATINOAMERICANISMO, DECOLONIZAÇÃO E TRANSMODERNIDADE

Por José Guadalupe Gandarilla Salgado

"O *locus enuntiationis* do qual falamos hoje, como um giro descolonizante epistemológico que tem um componente ético essencial, surge de uma opção ética pelas vítimas, para o Sul, para o velho mundo colonial que ainda não terminou de se libertar"

Enrique Dussel

Resumo: Em um ensaio que levanta sua voz diante de uma considerável "disciplina dos estudos culturais", pelo menos na maneira como sua inscrição estava operando para estudar certas realidades da região da América Latina e do Caribe, Mabel Moraña, pode ressaltar que a validade desta investigação será dada por uma operação analítica que se desdobra em uma estrutura mais ampla e cujas possibilidades são medidas para obter: "Um resumo das transformações pelas quais os campos do trabalho acadêmico e intelectual sofreram particularmente no espaço transnacionalizado do latino-americanismo, como consequência da rearticulação das hegemonias e reconfiguração do conhecimento no contexto da globalidade" (Moraña, 2010: 245). O que Moraña parece sugerir é que, ao articular estudos culturais com o latino-americanismo, podemos alcançar uma certa situação: "Criar outros campos de produção de conhecimento (heterodoxos, rarefeitos, alternativos) não inter, mas interdisciplinares, que permitam interrogar os aspectos sociais, culturais e culturais e texto político de outro partido, produzindo novas questões, novas interseções e novas interpretações" (Moraña, 2010: 240). Já detectando suas possíveis consequências, os possíveis efeitos dessas novas formas diametralmente "outras" para realizar o trabalho acadêmico e de pesquisa, que teriam impacto na atualização de certos estilos um pouco enraizados em nossas comunidades de estudiosos, e eles também podem implementar algumas sequências sobre certos saldos perniciosos que assombram instituições de ensino superior (algumas delas já estão trabalhando em Gordon, (2013: 13-28) e, assim, seguir adiante (em cenários conflitantes, apenas para quebrar pesos de vários tipos) para si mesma outras maneiras possíveis O que com essas transformações já está sendo anunciado, Mabel Moraña, detecta em outro de seus ensaios, prediz suas tendências gerais e propõe que os insurgentes da Universidade tome a forma de um "espaço que produz e reproduz" outros ". conteúdo democratizador emancipatório da fronteira e orientação alternativa" (Moraña, 2014A: 207). Portanto, na seção final deste artigo, sugerimos idéias sobre o assunto. características de uma possível "universidade transmoderna".

Palavras chave: Latino-americanismo, descolonização e transmodernidade.

Latin Americanism, Decolonization and Transmodernity

Abstrac: In an essay that raises its voice in the face of a considerable "discipline of cultural studies", at least to the way in which its inscription was operating to study certain realities in the Latin American and Caribbean region, Mabel Moraña may point out that the validity of this investigation will be given by an analytic operation that unfolds in a broader framework, and whose possibilities are measured to obtain: "An outline of the transformations that the fields of academic and intellectual work have undergone particularly in the transnationalised space of Latin Americanism, as a consequence of the rearticulation of hegemonies and reconfiguration of knowledge in the context of globality" (Moraña, 2010: 245). What Moraña seems to suggest is that by articulating cultural studies with Latin Americanism, we can achieve a certain situation: "Create other fields of knowledge production (heterodox, rarefied, alternative) not inter, but interdisciplinary, that allow to interrogate the social, cultural and political text of another party, producing new questions, new intersections and new interpretations" (Moraña, 2010: 240). Already, and detecting

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

their potential consequences, the possible effects of these new diametrically "other" forms, to carry out the academic work and research work, which would have impact to update certain styles somewhat rooted in our communities of scholars, and they may also implement some sequels about certain pernicious balances that haunt higher education institutions (some of them are already working on Gordon, (2013: 13-28), and thus forward (in conflicting scenarios, just for breaking weights of various kinds) to itself University for other possible ways What with such transformations are already being announced, Mabel Moraña, detects in another of her essays, predicts its general tendencies, and proposes that the University insurgent, and take the form of a "space that produce and reproduce" others, 'frontier' emancipatory democratizing content and alternative orientation "(Moraña, 2014A: 207) Therefore, in the closing section of this paper, we suggest ideas about the characteristics of a possible "transmodern university.

Keywords: Latin Americanism, decolonization and transmodernity

Interseções¹

Em um ensaio que levanta sua voz diante de uma considerável "disciplinamento dos estudos culturais", pelo menos ao modo pelo qual sua inscrição estava operando para o estudo de certas realidades na região latinoamericana e do Caribe, Mabel Moraña pode apontar que a validade desta investigação será dada por uma operação analítica que se desdobra em um quadro mais amplo, e cujas possibilidades são medidas no sentido de obter:

"Um esboço das transformações que os campos de trabalho acadêmico e intelectual sofreram particularmente no espaço transnacionalizado do latinoamericanismo, como consequência da rearticulação de hegemonias e reconfiguração do conhecimento no contexto da globalidade" (Moraña, 2010: 245).

O que Moraña parece sugerir é que, ao articular estudos culturais com o latinoamericanismo, podemos alcançar uma certa situação, a de:

"Criar outros campos de produção de conhecimento (heterodoxos, rarefeitos, alternativos) não inter, mas interdisciplinares, que permitam interrogar o texto social, cultural e político de outra parte, produzindo novas questões, novas intersecções e novas interpretações" (Moraña, 2010: 240).

¹ Tradução: Prof. Dr. João Paulino da Silva Neto – Centro de Educação, Universidade Federal de Roraima, Brasil.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

Desde já, e detectado as suas potenciais consequências, os possíveis efeitos dessas novas formas diametralmente "outros", para realizar o trabalho acadêmico e trabalho de investigação, que teria impacto para atualizar determinados estilos algo enraizado em nossas comunidades de estudiosos, e eles também podem implantar algumas sequelas sobre certos equilíbrios perniciosos que perseguem as instituições de ensino superior (algumas delas já está trabalhando em Gordon, (2013: 13-28), e assim encaminhar (em cenários conflitivos, justo por romper ponderações de diversas índoles) para a própria Universidade para outros caminhos possíveis. O que com tais transformações já estão sendo anunciadas, Mabel Moraña, detecta em outro de seus ensaios, prevê suas tendências gerais, e propõe que a Universidade insurgir, e tome a forma de um "espaço que produzir e reproduzir conhecimentos outros, 'fronteira' conteúdo democratizante emancipatória e orientação alternativa " (Moraña, 2014A: 207). Portanto, na seção que fecha este trabalho, sugerimos ideias sobre as características de uma possível "universidade transmoderna."

Por isso, é oportuno operar em intersecção ou transversa em estreita conexão que o latinoamericanismo, com a dimensão de descolonização (sempre em conflito, mas digno de consideração, por agora, mais oportunidades do que a realidade como real, apesar de sua profunda ancoragem em termos sua longa duração histórica, enquanto gesta que, em seus saltos, afirma ser processo permanente) que fornece um canal que se estende não apenas na arena conceitual, mas, que não concorda requer pelo menos um tipo de anúncio ou tentativa de atualização na esfera de disputa sobre estruturas de materiais; aqueles que decidem a distribuição do excedente social e as formas de produzi-lo, distribuindo-o, circulando-o e consumindo-o. Outras possibilidades de intersecção podem ser detectadas por um lado, que na época tentou, a partir do campo intelectual de crítica cultural, o pensador chileno Nelly Richard (1998) ou, por outro lado, uma vez que o horizonte epistemológico das sociologias históricas globais, propomos há quase uma década (Gandarilla, 2009).

A unidade de análise

Seria aconselhável para alcançar uma maior precisão quanto à unidade de análise que os "praticantes de estudos latino-americanos" (Moraña, 2014b: 229) acorde para arrastar a sua consideração de uma área tão ampla, mas esquivo para indicar que "estudos Os latino-

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

americanos referem-se de maneira geral aos trabalhos desenvolvidos a partir de qualquer disciplina sobre qualquer aspecto da cultura, sociedade, política etc. dessa região "(Moraña, 2010: 239, *grifo meu*) e acercar-nos a formulações mais limitados, enquanto o escopo da unidade de análise, mesmo que seja tanto mais ampla que o nacional, e incluindo-o esta dimensão e além, assim como compromete a orientação disciplinar de saber que o supera. Não sabemos se a enfoques transdisciplinar, mas sim, pelo menos, para "estratégias metodológicas não disciplinares". Se o nosso objeto aparece na dinâmica global-local, conjuntural e de longo prazo, específico mas comparável, o universo narrativo e as economias materiais para produzir e reproduzir a vida; É necessário especificar a viabilidade de cortes processuais (espacial ou temporal) que distinguem o objeto e registo no contexto, dando assim maior perfil para o domínio cognitivo a ser tratado, é por isso Moraña salienta:

"No campo dos estudos latino-americanos, a produção de conhecimento sempre foi, por natureza, um empreendimento transnacional com fortes implicações políticas e ideológicas relacionadas tanto à definição do campo de estudo quanto às perspectivas metodológicas utilizadas para sua análise e interpretação" (Moraña, 2014b: 234).

A partir de tal plataforma de localização, é essencial esclarecer de que tipo de transnacionalismo falamos, e que tipo de forças estão impulsionando sua dinâmica e em direção a qual horizonte eles marcam sua projeção (global ou planetária, e de objetivos sem fim, movidos, como estão, por sua desproporção). Colocar tal exigência nos encaixa em uma discussão que reúne os campos da política e da história e suas implicações para o exercício do pensamento, a fim de esclarecer nossos pontos de interesse e sua intersecção (latinoamericanismo e descolonização). Quiçá também pode ser útil para distinguir o melhor de historicidade de tal fertilização cruzada e as diferentes genealogias ou tradições nas quais ambas as dimensões estão ancoradas: De que tipo de latinoamericanismo falamos e a que momento, estrutura ou densificação da relação colonial nos referimos?

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

Trata-se, portanto, de uma estrutura de localização, a *gestell* moderna-capitalista (cujo automatismo, o da relação social do capital, nasceu mundialmente e operou historicamente em explosões cíclicas, das potências imperialistas, uma vocação que as unifica, a linha colonial do domínio), com tendência para abraçar as diferentes áreas do mundo, a fim de subjugar a vários complexos civilizacionais que ai foram desenvolvidos (uma dessas áreas, que foi nomeado América ou Índias, e de um determinado momento, nomeado América Latina), e com as que se estabeleceu um certo tipo de relação de exploração/dominação/ apropriação (Gandarilla, 2006). No entanto, esse tipo específico de quadro relacional está escondido na intenção de fazê-lo indetectável por todos aqueles afetados, e o sentido que anima (a infinita acumulação de riqueza e poder) é implementado por meio de um certo discurso procedimento que dá legitimidade, e isso pode ser definido como um tratamento "orientalista" com o outro, através do qual o complexo da civilização da Europa ocidental, hoje o hemisfério ocidental ou o norte global, tem encoberto sua atitude intervencionista e intervencionista em relação ao resto do mundo, o Sul global, ou o mundo das vítimas do sistema mundo moderno/colonial.

Universalismo europeu, orientalismo e latinoamericanismo

O latino-americanismo está inscrito em uma tensão, que já foi detectada por Immanuel Wallerstein em um certo registro, dos muitos com os quais ele vem lidando, que também diz respeito à sua proposta de "impensar as ciências sociais", e que nos permite descobrir uma trajetória histórica mais ampla (a do sistema-mundo moderno) que detecte não apenas uma afinidade, a do programa articulador de um "particularismo dos poderosos" empenhados em defender, assegurar e expandir seus diversos regimes de privilégios expressos em um tratamento hierárquico, aniquilador e essencialista do outro (o "universalismo europeu"), pronto para ir em algum momento como "Orientalismo", e depois chegou a tal estrutura operacional para articular programas ambiciosos de conhecimento e pesquisa como as empreendidas nos dispositivos acadêmicos chamados "área de estudos", no qual alcançou deixar sua marca.

Os "estudos da área "que são definidas em termos de posicionamento geocultural do objeto de estudo" (Morãna, 2014b: 215) e configurados "como suportado pelo discurso da pluralidade liberal" (Morãna, 2014b: 216), só recentemente, e extenuante trabalho,

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. **ISSN 2594-8806**

tendem a deixar de ser orientalistas, ou são os esforços para "não ser orientalistas", um dos que foi realizado precisamente para dentro do latinoamericanismo. Isso nos estaria demonstrando que têm uma certa afinidade, mas que vai além da mera detecção utilizando um determinado "ismo" particular e seu relacionamento está inscrito em um ângulo de maior importância ou profundidade, comprometendo o polo do "poder imperial", como uma assinatura de longa duração, a de uma lógica colonial de lidar com o outro, desde outro ponto de vista, que os destinatários destes marcadores de poder, o aspecto que os unifica seria de outro lado, a possibilidade de operar um elucidação completa de conhecimento e autoconhecimento, esclarecendo que as pretensões universalistas do "universalismo europeu" é isso, precisamente, uma pretensão para encobrir suas intenções particularistas e se implementaram historicamente através de estratégias que eles essencializaram ao outro, a fim de colocar seus valores em um estado inatingível, o que lhes permitiu moldar o mundo a uma forma que era falsamente universal, a do sistema mundial colonial/moderno e eurocêntrico. Hoje, este sistema histórico entrou numa crise, que parece definitiva, e abriu o mundo para a incerteza e ao sistema todo em um arco temporal de transição, Wallerstein sintetiza o conjunto de nossos desafios do seguinte modo:

"A questão que nos enfrentamos hoje é, como podemos sair do universalismo europeu - a última justificação perversa da ordem mundial existente - na direção de algo muito mais difícil de alcançar: um universalismo universal, que rejeita as caracterizações essencialistas da realidade social, deixa para trás tantos os universais particulares, reunifica os supostamente científico e humanísticos em uma epistemologia única e nos permitem olhar com olhos altamente clínicos e completamente céticos a qualquer justificação de "ingerência" nas mãos dos poderosos contra o fraco "(Wallerstein, 2007: 101).

Tal como foi demonstrado, desde os trabalhos pioneiros de Anuar Abdel Malek (em seu ensaio de 1963), ou Máxime Rodinson (seu artigo de 1968), e, certamente, o livro que Edward Said (1978) dedicou ao tema, e que catapultou a discussão em todo o mundo, as origens do orientalismo, como um objeto de estudo ou conjunto de conhecimentos sobre

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

o Oriente, são do final do século XVIII e que é um grande auge no século XIX, e o fato de que tais saberes não são mais que uma espécie de companheiro de viagem das campanhas colonizadoras ocidentais sobre essa região do mundo, que também derivará suas limitações epistemológicas peculiares (Achcar, 2016). Com relação ao latinoamericanismo, as suas origens são localizadas no preciso momento do final do século XIX (1898), quando a guerra hispano-cubana não deve nascer para a independência dessa nação caribenha, e com ele, há de verificar o definitivo fechamento do poder imperial espanhol. Desse instante histórico à construção do Canal do Panamá, o que proporcionará a mais eficaz interconexão oceânica do mundo, e com o corolário Roosevelt à Doutrina Monroe, em 1904, momento em que emergirão, simultaneamente, um pan-americanismo, e por outro um latinoamericanismo (Ramos, 2015: 159 - 176).

Esta indicação, dos dois momentos impulsores de ambos os campos, que os colocam a um século de distância, é importante à luz da detecção do papel de dobradiça ou quebra que sistematiza e sintetiza a obra de Said (de acordo com o que foi dito, em seu momento, por Abdel Malek e Rodinson, para não depreciá-los por seus méritos) e pelo potencial de desmistificação que sua leitura promove em face de uma construção ideológica tão eficaz, promotora e produtora de certo tipo de conhecimento; porque, como foi afirmado, com o Orientalismo, seria enquadrado,

"A progressiva diferenciação na universidade americana entre os '*estudos de área*', nos quais a tradição orientalista persiste, ligada às estruturas políticas do poder imperial ... e as tendências mais autônomas e críticas com a tradição acadêmica, o que derivará nos estudos pós-coloniais" (Bolado, 2016: 12).

Se em seu primeiro impulso, os chamados "estudos de área" e, especificamente, aqueles que são promovidos em relação à nossa região latino-americana, ligam seu surgimento à "necessidade dos Estados Unidos de adquirir conhecimento sobre ... [de] ... certas populações e territórios, particularmente em tempos de guerra, onde "especialistas da área" tiveram papel fundamental como consultores governamentais e militares" (Moraña, 2014b: 218-219), seu papel não passa por modificações significativas, sob uma relativa agenda de paz isto é, de um mundo agitado pela bipolaridade e pela ameaça de liquidação

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

recíproca durante a Guerra Fria. Em tempos de paz fria, estes exercícios de cognição e prospecção serão subsumidos na implantação inicial das universidades corporativas, desde a metade do século XX, instituindo estes como "provedores de conhecimento instrumental sobre regiões e culturas" (Moraña, 2014b:221), uma das cujas expressões mais refinadas correspondem a "*a criação de um modelo de formação para as áreas, assim como centros de pesquisa que permitirão a cobertura completa do mundo, sem deixar de fora a alocação estratégica de recursos*" (Moraña, 2014b:222, os itálicos são meus). Neste cenário de longo prazo, os tempos de "guerra e paz", ou uma de "paz guerreira", os *estudos de área* são mobilizados por agendas políticas e ideológicas, decorrentes de escritórios do governo, assim como dos estrategistas do alto capital dos complexos corporativos, que articulam seus planos, programas e projetos em âncoras nacionais, relacionadas com "a urgência de lidar com os desafios apresentados por minorias ativadas que exigiam o reconhecimento e integração" (Moraña, 2014b: 222), e desde forças e atores que promovem maior protagonismo no marco internacional ou sem eufemismos, que estimulam o espírito guerreiro para aprofundar ou diversificar o intervencionismo estrangeiro.²

No entanto, em seus inícios (a situação que se abre com a Guerra Hispano-Americana de 1898), em sua maturidade (lembre-se que é apenas meio século, em 1966, que a entidade LASA é criada, que irá articular e institucionalizar) em momentos de "sua suposta crise" (Moraña, 2014b: 215) com o esgotamento do conflito canalizada para o roteiro da guerra fria, como nos dias mais recentes, quando o mundo já está se movendo por um contexto de uma guerra quente alastrada, os estudos latino-americanos desta maneira praticados e ao abrigo deste regime promovido (até há pouco tempo contando com o apoio, quase ilimitado, por meio de financiamento de uma longa lista de *sponsors* – patrocinadores e fundações do capital corporativos) registraram bloqueios e limitações, ao parecer, devido

² Não é muito lamentável ressaltar que, justamente nesta mais recente disputa eleitoral para a presidência nos Estados Unidos, em uma campanha que desgostou o eleitorado, e resultou em uma luta "entre dois personagens impopulares" (La Jornada, 11/04/2016), as maiores taxas de rejeição, em direção a tais candidatos, concentram-se, reciprocamente, em suas propensões abertas a operar proto-fascista e racistamente no interior e com um desbocado e documentando "intervencionismo externo".

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

aos enfoques metodológicos ao mais “multidisciplinar”, que não conseguiu superar os protocolos disciplinares e abordagens altamente especializados, com cortes parametrizados do objeto em dimensões regionais ou até continentais, e não de acordo com um aumento inusitado da complexidade do mundo do conhecimento, como planos e âmbitos da realidade comprometidos em um sem fim de processos. Por essa razão, o destaque das novas orientações, e grupos de trabalho e pesquisa desta constelação acadêmica, aparecem mobilizados pela "proposta" *des-pensar das "ciências sociais e empreender 'indisciplinados' "* (Moraña, 2014b: 242), com a consequência de que ambas as dimensões afetam *"as bases mesmas da forma mais tradicional de estudos de área"* (Ibid, as cursivas são minhas), configuração cognitiva que neste momento revela-se insustentável e o que é previsível, de não regar desses novos afluentes iria aprofundar na sua perda de significado. Embora não seja o objeto privilegiado destas notas, não devemos evitar notando que os mesmos obstáculos para a construção do conhecimento afetam certos programas acadêmicos e agendas de investigação promovidos pelos departamentos de Estudos Latino-Americanos da Academia Espanhola Europeia, particularmente, preso como não é apenas de uma herança associada ao Hispanismo e até mesmo monarquismo, mas agora fortemente algemado pelos grilhões conjunturais que a vida acadêmica impõe o Plano Bolonha, é de notar que, por exemplo, nos conteúdos das disciplinas de Filosofia ou Ciência Política é carregado com velhos letargos que são medidos pelo desprezo habitual de algo comum, todos de maneira articulada com a política emergente imediatamente como "populista", na medida em que não cumprem as fases ou exigências que os processos de transição "para a Moncloa" parecendo indicar nossa região e mesmo para o sul da Europa.

Escaladas subalternas e programas de descolonização do conhecimento

Muitos destes reducionismos epistêmicos, que Moraña qualifica como a forma mais tradicional de latinoamericanismo, foram devidamente evidenciados, há duas décadas pela Comissão Gulbenkian dividir a reestruturação das ciências sociais (Wallerstein, 1996), e havia exercícios de interpretação e grupos de pesquisa daquela vertente (que é parte de uma mobilização de recursos e apoio acadêmico de amplo espectro), se atreveu a caminhar sobre um sendeiro; e em um duplo movimento, participaram da "reivindicação

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. **ISSN 2594-8806**

de construir uma nova cartografia cognitiva", mas essa mesma exigência, na possibilidade de vê-la alcançada, tendia a superar "a concepção compartimentada de conhecimento para orientar os estudos de emergência e consolidação de *estudos da área*, abrindo novos horizontes epistêmicos e metodológicos para o processo de produção de conhecimento "(Moraña, 2014b: 243). Exercem esses autores, comprometidos com em certa inovação conceitual, como na intenção de renovar enfoques, como já foi dito pelo trabalho de um deles, uma espécie de americanismo na contramão (Ramos, 2015). O que queremos destacar com isso é a viabilidade que uma clarificação e diferenciação de abordagens pode contribuir. No ensaio citado anteriormente, Nelly Richard, por exemplo, uma distinção muito espessa entre o que é "falar sobre e falar desde América Latina" (Richard, 1998). É claro que entre as autoras e os autores comprometidos com este tipo de trabalho, não só conseguiram instalar seus temas, senão em seus trabalhos de pesquisas estavam reformando alguns inscrição do porquê latinoamericanismo convinha compreender e exemplificar o perfil cognitivo começava a privilegiar, e até a seguir para uma constelação diversificada de questões e problemas, cada um dos quais também ensaiadas certos cruzamentos de tradições, escolas e teorias (justo por ele, como veremos mais adiante, esses novos protagonistas do pensar a latinoamericano não expressavam inteiramente inovação ou um fato sem inédito, senão que eram destacamentos intelectuais associados a heranças detectáveis em certos momentos aurorais do pensamento crítico latinoamericano). Uma ilustração muito específica deste, foi o que aconteceu com o grupo de intelectuais que assinaram o discurso de posse do Manifesto Inaugural do Grupo Latinoamericano dos Estudos Subalternos, o que justo deveria ser o destinatário de muitas críticas, quando seu trabalho de pesquisa foi assumido totalmente comprometido com a propensão analítica para um uso privilegiado de jargão conceitual e temática característica dos chamados "estudos pós-coloniais" inflexão que, como mencionado acima associada ao notório trabalho de Said (1978) e Spivak (1985). Tanto ao ponto de chegar estas campanhas para desacreditar as investigações que estavam ensaiando, a propósito da América Latina, esses grupos de pensadores "latinos", pós-coloniais ou descoloniais, para ser qualificados desde um certo *neo-ariélismo* por exercer uma sorte de *macondismo*, que com esse acréscimo de exotismo, não faz senão incorrer em *neo-orientalismo* (Beverley, 2010: 99).

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

De nossa parte, sugerimos uma classificação inicial e muito geral em três blocos, que derivam suas características, cada um deles, pela configuração argumentativa peculiar a partir do qual ela opera com a nossa unidade de análise, e que não é ademais explicitar, incluído na palavra Latinoamericano a toda área geográfica, tanto de base continental, desde o Rio Bravo até a Terra do Fogo, incluindo a região do Caribe e outras áreas insulares.

Assim, identificaremos um primeiro tipo de estudos Latinoamericanos, que poderíamos nomear como um "*latinoamericanismo por seu objeto*", que está em correspondência com as estratégias analíticas mais tradicionais, precisamente porque, devido aos órgãos acadêmicos que investigam "sobre" a América Latina, com alto rigor e grande profundidade.

Um segundo bloco, corresponderia ao que poderíamos chamar "*Estudos Latinoamericanos por seu foco*" e opera em composições intelectivas preferências articuladas ou ancoradas sob uma certa herança ou tradição intelectual.

O terceiro bloco, corresponderia aos "*Estudos Latinoamericanos em variante de sujeito*" e que se conectariam ao redor de estratégias cognitivas que modificam a ordem do campo, sem ser eles mesmos (des)ordenados, mas sim indisciplinados, por conta de sua "afinidade eletiva" seria confirmado em referência a um certo tipo de sujeito, e a partir de um lugar muito peculiar de enunciação.

Como resulta a diferença entre o primeiro bloco é clara, e os dois restantes, ecoam a distinção entre falar "sobre" e falando "desde" América Latina e o Caribe, mas no nosso caso também gostaria de destacar um processo, ao do intelectual que se destaca por ser "a voz dos sem voz" (Aime Cesaire, dixit), como resultado de um certo diálogo horizontal e recíproco, os atos de fala que ocorrem com os movimentos e sujeitos latinoamericanos, isto é, que privilegia o que tem sido chamado de obra intelectual "da retaguarda", e sob acompanhamento hermenêutico (Santos, 2009).

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

Será, portanto, necessário distinguir três momentos de impulso no exercício do pensamento latinoamericano, que detalharemos, e nos ilustram o potencial forte e sólido dessa tradição (a do pensamento crítico latinoamericano e seu mais recente programa de pesquisa modernidade/colonialidade), do qual em outros trabalhos já oferecemos referências detalhadas (Gandarilla, 2012), e a ligação distintiva é dado com aquele, no momento, o grupo promete, hoje mais que dissolvidos, de pensadores "*latinos*" *subalternistas* e *descolonias* e operando em estreita harmonia com abordagens recentes ou remotas, que conectam assim, dadas por conferir uma maior significação as lutas para descolonizar conhecimento, para o exercício de outras epistemologias, de e para as pessoas, cujo lugar de enunciação corresponderia ao de um Sul global metaforicamente, falar da condição de vítima, e que em sua lutam para tentar parar de ser tão ele poderia construir com o que Wallerstein chamaria de um "universalismo universal", que teria que aspiram a ser inegociavelmente "não orientalista":

"Somos chamados não apenas a substituir este sistema-mundo por um consideravelmente melhor, mas como poderíamos reconstruir nossas estruturas de conhecimento para que possamos nos tornar não-orientalistas.

"Ser não-orientalista significa aceitar a tensão constante entre a necessidade de universalizar nossas percepções, análises e declarações de valores e a necessidade de defender suas raízes particularistas da incursão de percepções, análises e declarações de valores particulares de pessoas que afirmam ser propondo universais. É necessário que universalizemos nossos particulares e particularizemos nossos universais simultaneamente, em uma espécie de troca dialética constante, que nos permita encontrar novas sínteses que, naturalmente, serão desafiadas instantaneamente "(Wallerstein, 2007: 67).

No marco da definitiva dominação hemisférica do Estados Unidos sobre a região, praticamente desde o segundo quarto do século XIX, mas com mais firmeza, como mencionado acima, no final daquele século, o pensamento "nossoamericano" se impulsiona através de um primeiro distanciamento das abordagens iluministas que estão se movendo

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

no cânon analítica da civilização oposição - bárbara, e anda de mãos dadas com uma forte reivindicação do protagonismo fundacional do índio e do seu quadro comunitário francamente atacada pela incursão colonial: a terra e as suas referências míticas-simbólicas (no caso de José Martí, em primeiro lugar e José Carlos Mariátegui, mais tarde).

Em uma segunda etapa, a distância será com o paradigma da modernização e da oposição desenvolvimento - atraso (no caso das teorizações críticas sobre a dependência), segundo pulso de algo que já pode ser temático como "pensamento social latino-americana" e que foi suficientemente reforçado com a nova perspectiva histórica oferecida por Sergio Bagu (1949), quem através da integração de uma perspectiva histórica global oferecia à frente do seu tempo uma análise sobre o lugar da nossa região desde um registro conceitual inédito até então, seguindo as trilhas do "capitalismo colonial."

Apenas recentemente, o pensamento social latinoamericano, sob o impulso renovado da abordagem da modernidade/colonialidade, ou como ultimamente preferimos enunciar-lhe, como um encare decolonial, começa a se revelar um novo florescimento, um terceiro grande florescimento, se quisermos ser mais preciso, por meio de um distanciamento da narrativa pós-moderna, e da oposição na sua base, entre uma desterritorialização global e fragmentação local: será atributo do programa de pesquisa modernidade/colonialidade latinoamericano que fornece elementos suficientes para promover inversões em vários campos de produção de conhecimento e linha para sustentar a tendência da descolonização do conhecimento.

Em um ensaio que tinha sido pensado como uma introdução para um trabalho coletivo coordenado por ele (América Latina: história de meio século, 2 vols.) e que foi crescendo até alcançar, por extensão, as dimensões suficientes para se tornar um livro independente (Imperialismo e libertação na América Latina), Pablo Gonzalez Casanova argumenta que a história contemporânea da América Latina, arranca propriamente desde o início de 1880, e "corresponde a um processo de ascensão e crise do imperialismo e do sistema capitalista mundial." O que temos enfatizado no início sob a situação 1898-1904, seria apenas uma estação de trânsito dentro desta tendência de longo prazo recentemente inaugurado. Desde então, o curso da região será marcado pelo antagonismo entre o padrão

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. **ISSN 2594-8806**

de poder que "combina as velhas formas de exploração colonial com as outras novas" e que se opõem "as lutas de resistência e libertação, em que as massas lutam por não ser submetidos ou explorados". Se o início do período contemporâneo para as Américas está localizada em 1880, o século XX histórico latinoamericano durará até o limiar da década de noventa desta centúria, em seguida, o século XXI começaria com as lutas dos novos zapatistas no México, que veio à tona com seu grito de "Já Basta!" no primeiro dia do ano de 1994.

O primeiro século XX (para usar a expressão de Braudel) estende-se desde a Revolução Mexicana aos vários populismos históricos, o segundo XX século II começa com a revolução cubana e conclui com o predomínio neoliberal na região no início dos anos noventa. No terreno do pensamento, também poderíamos distinguir o desdobramento da nova abordagem que permite vislumbrar o desdobramento de um novo enfoque de estudos latinoamericanos definitivamente exercidos desde e a partir de nossos povos e através de suas ações, identificaríamos um primeiro século XX, que encontraria Martim e Mariátegui como as figuras emblemáticas e mais representativas; o segundo século XX, nos teve que entregar toda uma plêiade de autores e pensadores, que estão articulados em torno da teorização crítica da dependência e proposta historiográfica de "capitalismo colonial."

O programa de pesquisa modernidade/colonialidade, giro-decolonial, ou encare decolonial, como preferir, acompanharia já (em sua teoria e prática) as lutas que a região vive desde o início do seu histórico do século XXI e que, como demonstrado nas conjunturas mais recentes, não oferecem vitórias de seguras ou derrotas definitivas, senão tendências de conteúdos onde não há nenhuma garantia, a única que pode ter é que você pode prever a luta, mas não seus resultados. E a nossa luta se está dando, também no horizonte produtor de conhecimento e autoconhecimento, com o qual a lista de autoras e autores associados com esta nova abordagem de um latinoamericanismo encorajados por seus sujeitos e emitir seus argumentos desde os espaços em que estão tentando desterrar as relações coloniais em seus mundos de vida, e, por ele, no mundo do conhecimento medindo forças com as tradições obsoletas de um americanismo convencional ou tradicional, e canalizando sua reflexão para um horizonte de disputa, que procura

desconstruir, em o campo de produção de conhecimento, as lógicas da análise colonial e restaurar a partir de uma base descolonizada do pensar que, como queria Wallerstein, reabrir "completamente as questões epistemológicas" (Wallerstein, 2007: 65).

A filosofia da libertação e sua contribuição para o pensamento crítico latinoamericano

Ao final dos anos sessenta, do século passado, foram aparecendo eventos, anunciando rachaduras que estavam empurrando, por exemplo, a filosofia, questões como, se havia uma "filosofia latinoamericana", de horizontes estéticos que foi dado a práxis e liberdade de dimensões em que a procura, sem ambiguidades, em linguagem simples, proporcionar condições, políticas e reflexiva, levando para horizontes de "libertação". Se estão verificando essas sobreposições será porque há uma emergência de pensar que acompanha o curso de lutas por questões sociais e políticas? Sendo assim, pode-se afirmar do pensamento latinoamericano, filosófico, humanista e social "se seu trabalho poderia ser considerado" crítico "é porque a crise em que exerce prospera em sua" criticidade" (Roig, 2002:29). Renuncia-se, em seguida, a condição de participar neste mundo na condição de entidades dominados ou tentar, pelo menos, que esse período histórico que se abriu com a Colônia deixa de marcar nossas relações sociais e guiará nossas lutas, no terreno do pensamento, para paradigmas de libertação e enfoques aproximados para o terreno da criticidade. Já um dos nossos clássicos prefigurou-o no deslocamento da dimensão da dominação para a da libertação:

"... eu posso partir... de certas conclusões de uma reflexão minha que foram feitas ao longo das linhas de reflexões de outros latinoamericanos; conclusões que levaram à ideia de que a nossa filosofia ... pode ser qualificada como uma filosofia de dominação [...]"Portanto, é que a situação de uma filosofia como a iberoamericana ou latinoamericana, não pode de nenhuma maneira ir além da situação atual, senão dentro de um processo de libertação. Mudar o signo da filosofia é mudar também o signo da sociedade "(Salazar Bondy, 1995: 190).

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

O movimento filosófico que o pensamento de Enrique Dussel registra, documenta suas origens na recuperação da gestação histórica do nosso povo e está localizado no âmbito das agitações sociais que a região latinoamericana registra da revolução cubana para a expansão de vários movimentos (armados, alguns deles) nos anos sessenta e, a partir do final deste e início do seguinte, vai impactando desvinculação, pelo menos, em quatro áreas da atividade humanista e do pensamento latinoamericano e do Caribe, cujas repercussões vão além da nossa geografia e ressona em níveis globais. No campo da narrativo, o chamado *boom* literário do realismo mágico e outras criações estéticas (como as muitas propostas de teatro popular); movimento em escala continental, que será conhecida como a Teologia da Libertação e sua opção pelos pobres; a nova teoria social com sua criação de conceitos e categorias relevantes para melhor explicar as questões sociais e a persistência da desigualdade e condições heterogêneas ("dependência", "colonialismo interno", "subdesenvolvimento", etc.), e pedagogias comprometidos com os oprimidos e investigação/ ação participativa; são cada um deles, elementos de um movimento variado, mas profundo movimento que já está fornecendo contribuições para desatar o nó da questão (com e mais além do marxismo) e para colocar em primeiro plano o caráter multidimensional do domínio sobre nossos países e o deslocamento da "questão nacional" desde seus acontecimentos políticos "desenvolvimentista" para um horizonte de libertação que trata de situar mais além da divisão colonial do mundo e a persistência dos seus hiatos. As novas perspectivas plantaram tradições definitivamente disciplinares das ciências sociais e orientações filosóficas convencionais, mas firmemente ancoradas. A forma padrão de filosofar, abre fendas, porque neste terreno também ingressa um estado de crise, que estala ao modo de filosofia de questionamento ao "desenvolvimentismo filosófico" prevalecente, que assume premissa irrepreensível: "A Europa teria estabelecido o modelo e os cânones de filosofar - de toda a filosofia autêntica possível - que nós, os latinos" primitivos ", nos aproximáramos mais ou menos gradualmente" (Casalla, 40).

O complemento necessário para a premissa será aproximar-se a ela através de um procedimento *etapista* que, como veio a resumir, Mario Casalla:

"Baseia-se, pelo menos, nas seguintes hipóteses: 1) a redução do filosofar ao modelo europeu-ocidental de fazê-lo; 2) a superioridade especulativa desse modelo sobre qualquer outro possível; 3) a história do pensamento como uma evolução progressiva para essa forma; 4) a inexistência de uma base cultural própria e autônoma sobre a qual basear sua própria e criativa reflexão (Casalla, 40).

Com bases tão débeis, a possibilidade de alcançar novos horizontes de compreensão era escassa ou muito difícil, se aspirava a alcançar alturas que vão além de uma acreditação mimética, sendo que os tempos estavam clamando para romper o "colonialismo intelectual" (Fals Borda, 1968). Daí que se abriu o panorama com a controvérsia entre operar, para a construção de uma autêntica filosofia latinoamericana, como se fosse "uma filosofia qualquer", enquanto ele lida com a profunda meditação sobre o conceito e acredita assim seus temas ou se opõem a essa opção, seria permanentemente incapaz de se exercer, pois não pode senão reproduzir, no quadro do pensamento, categorias que correspondem ao mundo da dominação, sendo que a dependência econômica não podia deixar de derivar de um pensamento igualmente dependente .

Beneficiando do ambiente da discussão que já estavam promovendo a degradação do panorama socioeconômico herdado da dominação colonial e da simulação republicana, e nessa linha, e agindo por andar nas lacunas de uma "sociologia da libertação", que resultaram dessas influências, desprenderam as posições filosóficas que, desde a controvérsia germinal (que protagonizou em primeiro plano, o mexicano Leopoldo Zea e o peruano Augusto Salazar Bondy), tiveram como uma de suas consequências mais notórias à procura de conteúdos que seria revelações inéditas, e desde o qual ainda absorvendo formulações discrepantes das escolas filosóficas tradicionais e propostas destacáveis na medida em que amadureceram em certos giros na discussão e para necessárias reformas heurísticas.

Com o início dos anos setenta, mesmo antes de seu exílio no México, Enrique Dussel expressa que sua filosofia se vá construindo com a montagem criativa de várias correntes de pensamento e desde as rupturas paradigmáticas que já poderiam ser anunciadas como novas rotas do pensar, mas também por meio de seus limites quanto rupturas legítimos,

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

senão é que, em vez de corresponder a variantes que se movem e incubavam ainda dentro da mesma totalidade do "pensar Nord-Atlântico" (Ardiles, 1973:7). Assim integra, em seus trabalhos germinais, maneira muito peculiar, a crítica da dialética hegeliana, pelos *posthegelianos*, mas enriquecida por libertar as intuições do velho Schelling, mas de sua inicial apropriação da fenomenologia de Levinas (levando-o a outras questões) de tal modo que a questão da revelação do rosto do Outro articula-se com, e aprofunda a pergunta fundamental para a direção exata de uma filosofia latinoamericana, enquanto posta em disposição de um pensamento original e, em seguida, alcançar um nível qualitativamente distinto de autoconhecimento em nosso tipo de sociedade (periférica). A proposta em que nos inícios dos anos setenta está definindo Dussel se move em uma órbita que integra os campos da antropologia, história e ética e será o trabalho de destruição destes domínios a ser configurado como proposta de matriz filosófica, que relança além de ontologias, o absoluto hegeliano (e sua glorificação em sua "filosofia da história") e finitude heideggeriana (e sua busca da autenticidade do Ser), no seu lugar, e integrando a leitura precoce de Emmanuel Levinas, promove uma "tentativa de superar a ontologia Europeu e abrir o caminho para uma meta-física da externalidade, do Outro, dos pobres, de um povo que oprimido grita por libertação" (Dussel - Guillot, 1975:7). Neste movimento para distanciar-se, com relação a uma filosofia (esse "pensar Nord-Atlântico a serviço da dominação" como Ardiles, 1973: 23-24) que reservando um lugar nulo para o nosso pensar / fazer, tem cultivado um genuíno proceder filosófico latinoamericano, cujo significado será construir um discurso de acordo com o novo horizonte atingido. As sequelas da nova mirada alcançada, enquanto horizonte hermenêutico de compreensão, pode ser visto em duas direções, por um lado, ser dada "a" filosofia latinoamericana "como pensamento autónomo dos grandes centros de poder mundial" (Casalla, 1973:42) e, por outro, nas palavras de Dussel, por meio de subsumir "as críticas de Hegel e Heidegger europeias e ouvir as palavras provocativas do Outro, que é o oprimido da América Latina em sua totalidade nordatlântica, como futuro, pode nascer a Filosofia latinoamericana, que será, analogamente, africana e asiática (Dussel, 1973:119)". A partir desta abordagem, o presente, enquanto privilégio de dominação e uma epistemologia subsidiária para a essa economia política de repartição, é questionada e vem de uma combinação que integra (crítico e assertivamente, na teoria e na prática) a outras ligantes

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

da dimensão temporal (a dimensão de uma mais além dessa situação que é forjada em lentas braçadas, talvez intermitente, mas sustentada de um futuro/passado).

De aqui que a composição de uma "filosofia da libertação" tende a demarcar uma direção além do "universalismo abstrato" da modernidade capitalista, como esta tem sido construída, mas não se concentra na reivindicação, legítimo, por pensar "latinoamericanamente" ou postular um "universalismo localizado"(Casalla, 1973), senão que se distancia unívoco das ontologias europeias de "mesmaidade", mas sem postular equívoco do Outro como absolutamente Outro (no sentido levinasiano), senão que aposta pelo analógico, que em sentido ético, filosófico e político significa ir mais além do mesmo e diferente, mas não optando por particularismo ou algum essencialismo, senão por lógicas que se constroem operando desde o semelhante. Aquela filosofia, que já está em cernes, por quatro décadas observa atentamente na *práxis de libertação* dos povos oprimidos da América Latina, e analogicamente os processos anti-coloniais de outras periferias do mundo capitalista desenvolvido, o elemento que há de reposicionar-nos ante o lugar no mundo que a situação moderno/colonial legou ou fixou. Compete a uma das dimensões desta *práxis* ser também a que prepara e tem que implantar novos conteúdos no terreno do pensar. Que este chegue a expressar-se, em seu momento, como uma nova etapa do pensamento filosófico é, mas a conquista de um passo necessário, enquanto (o giro para a descolonização) rompa com o fechamento eurocêntrico correspondente da prevalência da totalidade *nordatlântica* e seus peculiares universais. Se isso já foi verificado, por isso não é demais para postular, o porquê no mundo das periferias, subjugados, desprezados e oprimidos pela modernidade capitalista e já tem as ferramentas para preencher de uma melhor maneira a espacialidade própria em que instalou sua história, e pode exercê-la como situacionalidade do discurso como um legítimo *locus* de enunciação, anúncio de uma nova geopolítica do conhecimento.

A partir deste quadro, a de um suscetível salto histórico das condições em vigor, de dominação para o horizonte possível da libertação, podemos compreender por pensamento de "Nossa América", a já longa tradição composta por aqueles personagens que encarnam o movimento *liberacionista* ou emancipatório sócio-político e cultural, e que nos diversos momentos de renovação do projeto de modernidade ocidental na região

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

tem lutado para reivindicar em termos de liberdade, igualdade, justiça e equidade, a possibilidade de que a viabilidade da região se sustente no respeito e reconhecimento do outro e não na sua subjugação até a sua aniquilação. Ilustram essa torrente de imaginação teórica e prática e de disputa por construir universos comunitários e articulações coletivas que acolhem as diferentes expressões de humanidade, em seus mundos de vida que acolham as diversas expressões humanidade, em seus mundos de vida que integral as variantes também de vida não humana, personagem de estatura intelectual, moral e militante de um José Martí ou José Carlos Mariátegui, ou em tempos mais atuais pensadores e teóricos como Sergio Bagú, Ruy Mauro Marini, René Zavaleta, Bolívar Echeverría, Antônio Cornejo Polar, ou autores e intelectuais de relevância internacional como Pablo González Casanova, Aníbal Quijano, já falecido, Enrique Dussel, Frantz Hinkelammert, Emir Sader, etc. Um conjunto, como se vê, plural e heterogêneo, muito amplo, no entanto, mantém, em suas linhas gerais, certos elementos de coincidência.

Transmodernidade

O tipo de conhecimento pelo qual se pronunciam as epistemologias, filosofias e ciências sociais do Sul são pronunciadas, conduz suas demarcações sobre o atual estado de coisas não apenas de determinados pensamentos ou autores da "suspeita" (não os ignora, tenta incorporá-los em um diálogo que se desenvolvem em *inter pares*), senão desde um certo marco social, que entende como melhor modo os problemas do mundo se estes são "vistos desde o Sul" (Amin - González Casanova, 1995 e 1996), em geopolítica do saber que invertem na geografia do conhecimento e toca os desiguais "divisão internacional do trabalho teórico"; em filosofias que estão lutando por suas ideias, que dão volta nos mapas e não hesitam em sustentar uma descolonização do conhecimento que tem como norte o sul; e em epistemologias que entendem que dita condição geográfica, como uma metáfora do sofrimento humano e, portanto, assume com os desfavorecidos o lugar correspondente a quem alimenta o contingente e soma-se às reivindicações.

Não pode corresponder a esta atitude, a do *encare decolonial*, como já dissemos em outra parte (Gandarilla, 2012), sem a possibilidade de conhecer/transformar desde hermenêuticas do acompanhamento, e em sua caminhada iluminar interstícios inexploradas do debate que pareciam cativos de indecidibilidade (margem, externalidade,

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

crítica cromática, zona do não ser, humanismos outros, calibanismos, cimarroneidades, escapadas carnavalescas, mimesis festivas, diásporas, *elsewhere*, etc.), expostas a esse tipo de dilema wittgensteiniano, de proposição 7, com qual o filósofo austríaco decidiu encerrar seu *Tractatus* ("do que não se pode falar, melhor ficar calar"), em que quando chegar a hora, se deve tentar lidar, especialmente se considerarmos que, na época da modernidade, parece operar uma sorte de feitiço (feitiço, fetiche): aquilo que pode ser dizível deve ser em termos que marca o código do moderno, em palavras e conceitos que têm sido captados e encaminhados para tal uso, com o qual a etapa em seu sentido de longo tempo, que já tem vários séculos, parece edificar uma barreira intransponível. É aqui que se abre um dos nós problemáticos que atualmente monopolizam o debate e onda agitam a polemica: na discussão da crise da modernidade tem permitido para se referir a como seja possível, mas que o acompanhamento de sua historicidade dá legitimidade em simetria, a questão e o horizonte se possível, e como, a possibilidade de encontrar uma saída (para não mencionar a crise) ou certos caminhos, trilhas, se que eles foram deixados em explorações anteriores, em outros cursos para uma nova construção humana (se é que faz algum sentido a pergunta de um "mais além" da modernidade, uma tarefa de proporções monumentais e que não parece oferecer qualquer garantia).

Em um recente artigo publicado na prestigiosa revista *New Left Review*, oposição intelectual do regime da Coreia do Sul e Professor Emérito da Universidade Nacional de Seul, Paik Nak-chung arredonda uma tese que já havia anunciado em um trabalho anterior (Paik, 2000) que na verdade veio de escuta atenta e posterior discussão sob o memorável encontro que teve lugar em 1998 nas instalações do Instituto Fernand Braudel Center³ e girava em torno do trabalho e pensamento de três expositores principais e as perspectivas para discutir modernidade abriu colocar isso em consideração a partir de uma ferramenta conceitual que desafia em sua totalidade: Enrique Dussel -Transmodernidad; Immanuel Wallerstein - Capitalismo Histórico; e Anibal Quijano - Colonialidade do poder. Na sua expressão mais recente autor coreano acredita ter chegado a uma formulação do problema ("o duplo projeto da modernidade") com o qual "o termo" transmodernidade "empregado

³ De 4 a 5 de dezembro de 1998, mais de dezessete anos atrás, em Nova York, Estados Unidos da América, o Seminário Internacional "Transmodernidade, Capitalismo Histórico e Colonialidade: Um Diálogo Pós-disciplinar" foi realizado no Centro Fernand Braudel do Universidade de Binghamton.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

por Dussel expressa uma ideia similar" (Paik, 2015: 73) mas que ele detecta uma limitação que ele acredita ter superado, uma vez que, para o pensador asiático, a formulação de "Dussel não captou adequadamente o duplo aspecto de adaptação e superação" (Paik, 2015: 73).

Devemos salientar, por nossa parte, em primeiro lugar, que o debate está longe de ser decidido, e muito menos a ajuntando a noção de transmodernidade em que esta limite seu alcance "superação" da modernidade, sem descartar pelas "exigências do avançar através de "ela" (Paik, 2015: 73); Em segundo lugar, é interessante sublinhar que se opõe ao "superar" a noção de 'avançar através de" pode cobrar, como era no trabalho anterior do autor coreano, com algum viés, confere, exclusivamente, a primeira perspectiva que "implica uma certa simplificação" (Paik, 2000:79), ainda mais questionável que se restringe a ser (a superação da modernidade) uma expressão vazia ou pior, uma chamada que perniciosamente "justifica uma variedade de políticas e ação social regressivas"(Paik, 2000: 79).

Por esta razão, é que na sua recente reformulação aposta mobiliza "o duplo projeto para adaptar-se à modernidade e superá-la simultaneamente" (Paik, 2015: 71), para o pensador sul coreano teria que operar como na crítica estética dos antimodernos , derramado na poesia e militante de Arthur Rimbaud de "uma temporada no inferno", que ele cita, justo na intenção de conseguir a outra direção integral do tempo que se abre; Isto implica uma chamada "para ser absolutamente moderno" (*Il faut être absolument moderne*), mas "não está totalmente em conformidade com a modernidade capitalista" (Paik, 2015: 72). Muito louvável o propósito clarificador de Paik Nak-chung, mas além da relativa negligência da questão do colonialismo, o seu argumento no plano teórico e filosófico, não faz, senão redirecionar ou reverter para tematizações que, no caso da América Latina, faz muito tempo que se vem discutindo.

A atitude pela qual demanda a moderna, Paik Nak-chung, é semelhante ao que John Holloway tem mantido com relação a política (agir "em e contra ele", não é o mesmo que agir "contra e em" o Estado, ou sua formulação mais recente "contra e mais além" de tal forma social), também é semelhante e análogo, a atitude (também político) que Bolívar Echeverría apresenta como disposição ante a ordem que nos oprime": *viver em e*

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806
com o capitalismo, pode ser algo mais que viver por e para ele" (Echeverría, 1998: 36, ênfase adicionada). Diante dessas formulações, acreditamos, ainda que tem algo a dizer uma abordagem como transmodernidade, porque para Dussel o ponto de *arquimédico* em toda crítica à modernidade há de partir de "âmbitos ou momentos que guardam a externalidade no que diz respeito a totalidade da modernidade. Essa externalidade negada e desprezada são as culturas em que a modernidade não pôde dominar "(Dussel, 2014: 302).

Já Mariátegui, já falando para o Peru dos anos trinta, detectava que, com a prevalência de um espírito e mentalidade colonial se impunha "uma crescente revalorização das formas e assuntos autóctones" (Mariátegui, 1979: 44), e foram os próprios índios que deram "sinais de uma nova consciência" (Mariátegui, 1979: 44) que se expressava em "a articulação entre ... [seus] ... diferentes núcleos" (Mariátegui de 1979: 44). Se ele tinha potencial que era porque estava andando no resto inassimilável, neste sedimento colocado ao lado, desprezado pelos três momentos de que a modernidade/colonialidade que a Amauta vislumbrava no desenvolvimento do capitalismo peruano: a ordem seguido e implementado através da conquista prevaleceu durante o período colonial, a independência fracassada e a difícil construção republicana exposta a um segundo imperialismo. Em meio a esse cenário, as chances de que o problema do índio como um problema social fosse resolvido "pelos próprios índios" fica nisso em que se mantém, até ai, à margem, em certa exterioridade, em comparação com o moderno colonial: "A sobrevivência da comunidade e de elementos do socialismo prático na agricultura e na vida indígena" (Mariátegui, 1979: 48). Em ambos os elementos se edificaria um novo espírito nacional, e será a partir dessa base sólida que poderão realizar um novo tipo de relacionamento com o mais valioso de outras culturas, assim, para Mariátegui outra cara que descreve com estas palavras: "não somos um povo que assimila as ideias e os homens de outras nações, impregnando-se de seu sentimento e seu meio ambiente, e, desta forma enriquece, sem deformar, seu espírito nacional" (Mariátegui, 1979: 94). Já nessas palavras, poderia estar traçando um certo esboço do que significaria "ir além da modernidade".

O "além" da modernidade e a questão da universidade transmoderna

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

A gramática do que nos diz a universidade hoje não pode elucidar, então, a semiótica do capital, não pode ser alheio a todo o código de cadeia de significado, não é estranho ao seu arredor, que é verdadeiro, no entanto, a entidade universitária não está subsumida de cheio ao código simbólico do capital corporativo e seu voraz e comportamento rentista. Se fosse assim, nem sequer poderíamos estar argumentando. Destacamos outra questão que inclui seu interior, pois na verdade ele estremece a relação da universidade pública com o seu arredor, em um momento em que é dominada pelo processo global de construção da precariedade como uma forma do existente humano exposta a graus variados de desumanidade ou desumanização, ele é uma expressão, nada menos que a medida e a profundidade de nossa crise. Mas talvez seja por causa da ameaça da chegada a uma situação de estar no limiar de um domínio (global) imbatível, pelo qual um pensador como Slavoj Žižek consagra a universidade como o lugar para encontrar o *homo sacer* como seu "objeto do discurso" (Žižek, 2004), e estabelece aí uma margem, um dique desde o qual reclamar para que o humano fique neste mundo.

Mas como, sob que aborda metodológica, ou melhor, desde que a epistemologia política, podemos violar a vocação crítica do moderno, não limitá-lo a esse código, mas tentar passar por ele superando-o, levando a nossa *práxis* por *caminhos que vão além do moderno?*, ou dito de outra forma, como fazemos para que desde a universidade tardio moderna possamos fazer tais perguntas (como actualização da crítica), mas em uma linha de afirmação ou possibilidade projetiva de uma universidade que se proponha a "ir além da modernidade" ou seja, a questão de se instalar a pergunta de uma "universidade transmoderna?" se me permitem, em minha leitura de convocatória a um evento recente, sobre "a possível Universidade"⁴, essa preocupação ainda aparece em uma forma de *lapsus* de reprimido, quando a pergunta por sua possibilidade se instala em um marco cujos limites são de "desejos, condições, cegueira", eu diria que a permanência dessas cegueiras, dessas invisibilidades, são aqueles do que na modernidade aparecem como "ausência", ou seja, uma incapacidade de incorporar, de forma hegemônica, pelo que está em vigor, por aquilo que nos dá "a universidade como tal". Seria questão de esforçar-se

⁴ Cf. http://www.umce.cl/joomlatools-files/docman-files/universidad/destacados/coloquio_filosofia_2016.pdf

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

para situar-se, epistemologicamente, ante e desde que é dado como definitivamente erradicada, ou que nunca poderá ser instalado como visível na universidade, os lados escuros, a incapacidade oftálmica para cuidar disso que são as formas desprezadas, injuriadas, negadas pela forma social moderna, mas onde devemos concentrar a nossa atenção se é que quisemos dar um sentido, sentido renovado, à Universidade.

Volto, neste propósito, ao que Enrique Dussel sugere entender como transmodernidade,

O horizonte que se abre... se trará não de uma nova etapa da Modernidade, senão de uma Nova Idade do mundo, mais além dos supostos da modernidade, do capitalismo, do eurocentrismo e do colonialismo. Uma época em que as exigências da existência da vida na Terra exigiriam mudar a atitude ontológica em relação à existência da natureza, do trabalho, da propriedade, de outras culturas "(Dussel, 2015: 100).

Como disse Dussel:

"Nessa transmodernidade, a humanidade não entrará na universalidade unívoca de uma cultura única ... uma universalidade resultante de um processo de identidade exclusiva, mas será um pluriverso em que cada cultura dialogará com as outras desde a semelhança comum, recriando continuamente sua própria "distinção" analógica que entra em um espaço dialógico, mutuamente criativo (Dussel, 2015: 101).

Então, conseqüentemente, ele irá *instalar a universidade na mesma vocação como retrabalhar-se como pluriversidad*, e trabalhar os seus instrumentos de cultura desde pedagogias decoloniais que trabalhem em correspondência. Mas isso, aparentemente, não acabará com o problema. Talvez, apenas, começa.

Santiago Castro-Gómez, num trabalho recente, tem detectado em parte, em sua intenção de pensar o campo da política, registra o fato inalienável que há pelo menos quatro instituições que, que terão que conservar a sua importância para o política, devem ser atravessados pela intenção transmoderna, ele diz: "Necessitamos reinscrever em uma situação transmoderna: a ciência, o Estado de direito, a democracia e crítica" (Castro-Gómez, 2015: 358), o filósofo colombiano, acredita, com Dussel, "que é possível uma

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

transmodernización dessas instituições" (Castro-Gómez, 2015: 358), mas parece reduzir a este procedimento de re-registo precavido ante o eurocentrismo, isto é, atravessá-la pelo giro antieurocêntrico descolonial. Temos que dizer, ante ele, que em certo alvo, cada uma dessas quatro dimensões cruzam-se pela Universidade (ciência, Estado de direito, democracia e crítica), senão que as faz e configuram como uma lógica imbricado, o que nos faria dizer que isso nos leva a processar a partir de uma sorte de imaginação transmoderna o necessário capítulo universitário de tal procedimento, ou seja, a necessidade de começar a projetar a ideia de uma universidade possível, a agenda de uma "universidade transmoderna" ou de legitimar uma pergunta pela mesma.

Agora, isso nos leva a tentar definir, novamente com Dussel, um certo guia metódico que frutifique uma rota construtiva, projetiva, ou seja, para esses lugares que alimentem o conceito transmoderno,

"O que quer indicar essa novidade radical que significa a irrupção, a partir do nada, da exterioridade alternada das sempre diferentes, das culturas universais em processo de desenvolvimento, que assumem os desafios da Modernidade, e ainda da pós-modernidade europeó-norteamericana, mas que respondem desde *outro lugar, other location* ... Uma futura cultura trans-moderna, que assume os momentos positivos da Modernidade... terá uma rica pluriversalidade e será o fruto de um autêntico diálogo intercultural, que deve levar claramente em conta as assimetrias existentes"
(Dussel, 2015: 283)

E se enuncia desde aquilo que se tem deixado fora pela modernidade, e que desde qualquer outro lugar de enunciação (que não seja o da margem, ou de fora), não está mais sujeito a qualquer consideração, nem mesmo desconstrução, e que por essa razão, deve encontrar acomodação em outras epistemologias, aquelas que derivam do proceder decolonial com as categorias e conhecimentos que herdamos até agora. Ditos conceitos, que serão os do intelectual crítico e decolonial, podem encontrar seu lugar em um futuro e em uma possível universidade transmoderna.

Bibliografia

Achcar, Gilbert. 2016. *Marxismo, orientalismo, cosmopolitismo*. Barcelona: Bellaterra.

Bagú, Sergio. 1992 [1949]. *Economía de la sociedad colonial. Ensayo de historia comparada de América Latina*. México: Grijalbo – CONACULTA.

Beverly, John. 2010. *La interrupción del subalterno*. La Paz: University of Pittsburgh/Plural Editores.

Bolado, Alfonso Carlos. 2016. “Prólogo a la edición española. Gilbert Achcar y la crítica al orientalismo” en Achcar, 2016, págs. 9 - 20.

Casalla, Mario. *Razón y liberación. Notas para una filosofía latinoamericana*. Buenos Aires: Siglo XXI editores argentina, 1973, 151 pp., Colección mínima.

Castro-Gómez, Santiago. 2015. *Revoluciones sin sujetos. Slavoj Žižek y la crítica del historicismo posmoderno*. Madrid: Akal.

Castro-Gómez, Santiago y Eduardo Mendieta (coords.). 1998. *Teorías sin disciplina. Latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización a debate*. México: Miguel Ángel Porrúa/University of San Francisco.

Dussel, Enrique. 1973. “El método analéctico y la filosofía de la liberación latinoamericana” en Ardiles, Osvaldo, et. *Atl. Hacia una filosofía de la liberación latinoamericana, Buenos Aires: Bonum, Colección Enfoques Lationamericanos2*.

Dussel, Enrique y Daniel E. Guillot. 1973. *Liberación latinoamericana y Emanuel Levinas*, Buenos Aires: *Bonum, Colección Enfoques Lationamericanos 3*.

Gandarilla Salgado, José Guadalupe. 2006. *América Latina en la conformación de la economía-mundo capitalista*. México: CEIICH – UNAM.

Gandarilla Salgado, José Guadalupe. 2009. “Pensamiento latinoamericano y sociologías del sistema mundial” en *Latinoamérica*, Núm. 48, México, enero, págs. 29 - 53.

Gandarilla Salgado, José Guadalupe. 2012. *Asedios a la totalidad. Poder y política en la modernidad, desde un encare de-colonial*. Barcelona: Anthropos – CEIICH – UNAM.

Gordon, Lewis. 2013. *Decadencia disciplinaria. Pensamiento vivo en tiempos difíciles*. Quito: Abya Yala. Serie Pensamiento decolonial

Moraña, Mabel. 2010. “El disciplinamiento de los estudios culturales” en *La escritura del límite*. Madrid: Iberoamericana – Vervuert.

Moraña, Mabel. 2014a. “La cuestión del humanismo en América Latina. Puntos ciegos y líneas de fuga” en *Inscripciones críticas. Ensayos sobre cultura latinoamericana*. Santiago: Cuarto Propio.

Moraña, Mabel. 2014b. “Los estudios de área en un mundo global” en *Inscripciones críticas. Ensayos sobre cultura latinoamericana*. Santiago: Cuarto Propio.

Paik, Nak-choung. 2000. “Coloniality in Korea and a South Korean Project for Overcoming Modernity” en *Intervention*, Vol. 2 (1), págs. 73-86.

Paik, Nak-choung. 2015. “El doble Proyecto de la modernidad” en *New Left Review*, versión en español, Segunda Época, Núm. 95, nov.-dic. De 2015, págs. 71-86.

Ramos, Julio. 2015. “1998. Genealogías del Panamericanismo y del latinoamericanismo” en *Latinoamericanismo a contrapelo*. Popayán: Universidad del Cauca.

Roig, Arturo A. 2008. *El pensamiento latinoamericano y su aventura*. Buenos Aires: Ediciones el Andariego [1994, Edición corregida y aumentada].

Richard, Nelly. 1998. “Intersectando Latinoamérica con el latinoamericanismo: discurso académico y crítica cultural” en Castro-Gómez y Mendieta (coords.). 1998, págs. 245 - 270.

Said, Edward. 2009 [1978]. *Orientalismo*. México: Mondadori – Debolsillo.

Salazar Bondy, Augusto. 1995. *Dominación y liberación. Escritos 1966-1974*. Lima: Fondo Editorial de la Facultad de Letras, Universidad Nacional Mayor de San Marcos.

Santos, Boaventura de Sousa. 2009. *Una epistemología del Sur. La reinención del conocimiento y la emancipación social*. México: Siglo XXI editores – CLACSO.

Spivak, Gayatri Chakravorty. 2003 [1985]. “¿Puede hablar el subalterno?” en *Revista Colombiana de Antropología*, Volumen 39, enero-diciembre 2003, pp.297-364.

Wallerstein, Immanuel. 2007. *Universalismo europeo. El discurso del poder*. México: Siglo XXI editores.

Wallerstein, Immanuel (coord.). 1996. *Abrir las ciencias sociales*. México: Siglo XXI editores/ CEIICH – UNAM.

Žižek, Slavoj. 2004. “El homo sacer como objeto del discurso de la universidad” en Zarka, Yves Charles (dir.). *Jaques Lacan. Psicoanálisis y política*. Buenos aires: Nueva visión.

Recibido 30/9/2019. Aceito: 22/11/2019.

Sobre o autor e contato:

José Guadalupe Gandarilla Salgado. Pesquisador do Centro de Investigações Interdisciplinares em Ciências e Humanidades (CEIICH), UNAM. Doutor em Filosofia Política pela UAM – Universidade Autônoma Metropolitana- Iztapalapa. Pesquisador B. Definitivo no Centro de Investigação Interdisciplinar em Ciência e Humanidades. Ministrou aulas nas

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

faculdades de Economia, Ciências Políticas e Sociais e Filosofia e Letras, UNAM, México, professor visitante em outras universidades no exterior. Sua obra *Asedios a la Totalidad. Poder e política na modernidade, desde um encare de-colonial* (Barcelona, Anthropos - CEIICH - UNAM, 2012), ganhou Menção Honrosa na 8ª edição do Prêmio Libertador de Pensamento Crítico 2012, e ganhou o Prêmio Frantz Fanon de melhor livro em *Caribbean Thought*, 2015, da Caribbean Philosophical Association. Seus livros mais recentes são *Universidade, conhecimento e complexidade. Abordagens de um pensamento crítico* (Paz, CIDES - UMSA, 2014), *modernidade, crise e crítica* (México, CEIICH - UNAM, 2015) e *como crítica coordenador na margem. Rumo a um mapeamento conceitual para rediscutir a modernidade* (México, Akal, 2016). Ele dirigiu e fundou *De Raíz Diversa*. Revista especializada em Estudos Latino-Americanos.

E-mail: joseg@unam.mx